



Primeiras palavras: a trajetória e caminhos do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia - II SNEA

Cristhiane Amâncio¹; Maria Virginia de Almeida Aguiar²; Natália Almeida³

¹ Pesquisadora da Embrapa Agrobiologia; diretora da ABA-Agroecologia, E-mail - cristhiane.amancio@embrapa.br; ² Educadora da UFRPE; GT Educação da ABA-Agroecologia, E-mail - mvirginia.aguiar@gmail.com; ³ Bolsista do Projeto de Sistematização de Experiências ABA-Agroecologia, E-mail - natalia.alsouza@gmail.com

O II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (II SNEA) foi realizado em Seropédica/RJ entre os dias 25 e 27 de julho de 2017, fruto da mobilização de diferentes organizações a partir de um processo construído pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), em especial do Grupo de Trabalho de Educação e a equipe do Projeto de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia (ABA-Agroecologia/ MDA /CNPq), em parceria com o Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR-UFRRJ), a UFRRJ e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia).

Para realização do II SNEA no estado do Rio de Janeiro foi mobilizada uma rede de parceiros que atuam com Educação em Agroecologia, além do apoio de outras instituições parceiras de diferentes regiões do país: o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Universidade Federal de Viçosa (UFV), o Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), entre outras organizações.

Entre idas e vindas, conquistas e aprendizados, o evento foi ganhando contornos conceituais e metodológicos. No processo preparatório foram realizados muitos encontros onde foram identificados e sugeridos diferentes caminhos a seguir. Optou-se por métodos que pudessem permitir outro formato de



evento, adotando temas geradores que deveriam ser debatidos a partir da experiência vivenciada pelos sujeitos participantes do seminário, através de rodas de diálogos, grupos de trabalho, atividades culturais e feira de sabores e saberes. Dessa forma, procuramos desenhar uma estrutura de Seminário que não fosse pautada na prática da educação bancária, expositiva e rígida, em direção a um evento orientado por metodologias dialógicas e participativas.

Resistência e Lutas por Democracia: a definição da temática do II SNEA

Todo encontro construído e realizado por educadores/as comprometidos/as com a transformação social é reflexo de seu tempo e, por isso, o tema do evento escolhido foi “Educação em Agroecologia: Resistências e lutas por democracia”. O tema atentou-se para a atual conjuntura que vem colocando o Brasil em uma situação de sérias ameaças e retrocessos para a Educação, a agricultura camponesa e a Agroecologia. Os/as educadores/as, estudantes, pesquisadores/as, técnicos/as e agricultores/as mobilizados/as na construção do II Seminário Nacional acreditam que não haverá avanços na Educação em Agroecologia se não houver democracia. Cortes de verbas e a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação, o fechamento de dezenas de escolas do campo, a redução de recursos dos editais voltados para o fortalecimento dos núcleos de agroecologia nas instituições de ensino, a imposição de uma pauta conservadora na base curricular nacional, os riscos a promoção da diversidade na educação, as ameaças à privatização do ensino, são apenas exemplos dos retrocessos que evidenciam os desafios que vivemos atualmente e caracterizam um quadro que nos exige luta permanente.

Na contramão desses processos conservadores, a realidade nos trouxe escolas ocupadas por estudantes em todo o Brasil, a luta pela educação do campo, educadores/as e estudantes realizando uma



educação diferenciada que articula extensão, pesquisa e ensino em agroecologia, questionando uma formação centrada no paradigma da inovação tecnológica voltada apenas para o agronegócio, a organização das redes dos Núcleos de Agroecologia e manifestações, reunindo diferentes grupos sociais, em defesa da escola pública, gratuita e de qualidade. São manifestações de resistência e respostas de todos e todas aquelas comprometidas com a garantia dos direitos conquistados e dos avanços na inclusão social de sujeitos que há séculos são aliçados dos processos de desenvolvimento do país.

O II SNEA se propôs a refletir e aprofundar análises deste cenário para que se pudesse acolher diferentes trajetórias de experiências educativas, compreender as contradições inerentes e visualizar caminhos comuns, na diversidade de grupos, redes e movimentos que constroem a Educação em Agroecologia no Brasil, dentro e fora das instituições de ensino. A programação do seminário considerou também os desafios e as demandas sinalizadas por educadores/as e educandos/as no contexto da Educação em Agroecologia, além dos princípios e as diretrizes da Educação em Agroecologia propostas no I SNEA¹ e das ações desenvolvidas e articuladas pelo Projeto “Sistematização de experiências: construção e socialização de conhecimentos – o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras”, realizado pela ABA-Agroecologia em parceria com universidades e parceiros nas cinco regiões do Brasil².

Assim, foi definido como objetivo para o Seminário “*Identificar, sistematizar, refletir e articular experiências de educação em agroecologia e indicar caminhos para seu fortalecimento, divulgação e popularização*”. Também esperava-se (1) Contribuir para a construção de metodologias e

¹ Ver: <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/issue/view/100>.

² Ver: http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/?page_id=2505



práticas que favoreçam a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão na educação em agroecologia nos níveis e modalidades da educação básica ao ensino superior; (2) Garantir espaços de reflexão sobre princípios e estratégias da educação em agroecologia a partir das experiências em Educação Popular; (3) Fortalecer a Educação do Campo para fortalecer os territórios agroecológicos; (4) Dar visibilidade e fortalecer o protagonismo da mulher e da juventude na construção da educação em agroecologia; (5) Exercitar a sistematização da diversidade de experiências, práticas e vivências por meio da escuta, reflexão, diálogo e síntese; (6) Promover a integração dos núcleos, grupos com as demais organizações agroecológicas nas diferentes regiões do país; (7) Articular propostas de políticas públicas para a educação em agroecologia.

Rodas de Diálogos e as Instalações Pedagógicas: novidades metodológicas para a construção do conhecimento

A proposta metodológica do Seminário envolveu vários espaços de troca de conhecimentos e de práticas educativas. Da mesma forma que no I SNEA, o II Seminário incentivou a participação de educadores, educadoras, estudantes e outros atores envolvidos com experiências concretas de Educação em Agroecologia das várias regiões brasileiras. Sempre que possível, foi dada visibilidade às experiências dos Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEAs), das Redes de NEAs (R-NEAS) e dos Centros Vocacionais Tecnológicos de Agroecologia (CVTs), por entendermos que foram iniciativas promissoras de fortalecimento da agroecologia nos territórios.

Também continuamos considerando que para além dos cursos formais de Agroecologia existentes no Brasil, temos uma infinidade de experiências de Educação em Agroecologia que acontecem nos mais diversos níveis de ensino e em diferentes espaços e ações educativas de diferentes áreas do conhecimento, tais como: nos componentes curriculares dedicados a agroecologia, na pesquisa



e na extensão promovidas pelos núcleos de estudo em agroecologia e presentes nas práticas e vivências educativas de campo, na relação educandos e educadores, na relação escola-comunidade, entre outras.

A participação no Seminário foi vinculada à apresentação e seleção de um texto sobre as experiências de Educação em Agroecologia onde os/as autores/as tinham uma inserção direta. Foram inscritas 210 experiências de todo o país, das quais foram selecionadas 170. A maior parte delas eram vinculadas à educação formal³, mas algumas experiências de educação não-formal também foram apresentadas na perspectiva de ampliar a compreensão e trocas de experiências entre diferentes processos educativos. Estas experiências foram apresentadas e debatidas em 18 Rodas de Diálogos realizadas concomitantemente durante o evento. Cada Roda de Diálogo foi coordenada por facilitadores/as convidados/as, que se encarregaram de subsidiar e orientar o debate e a reflexão, encontrando pontos e questões em comum e apresentando um artigo síntese, também publicado neste número dos Cadernos de Agroecologia.

Para garantir a socialização das diferentes narrativas relativas às experiências, escolheu-se as Instalações Pedagógicas, que são ferramentas educativas construídas coletivamente para formar “cenários” compostos por elementos da realidade⁴, suscitadores de problematização e reflexão, que guardam semelhanças com instalações artísticas devido a sua dimensão estética. Além disso, são espaços que propiciam a construção do conhecimento de forma interdisciplinar a partir da interpretação

³ Por educação formal, entendemos aquela exercida por meio da atividade escolar nos diversos níveis do sistema oficial de ensino, tanto em atividades em salas de aula ou fora delas. Ela possui conteúdos, metodologias e meios de avaliação claramente definidos. Por educação não-formal concebemos aquela que ocorre em outros e variados espaços da vida social, com outros componentes, iniciativas metodológicas e formas de ação, de forma complementar ou não a educação formal. Seu caráter não-formal indica que é uma atividade fora da escola e é promovida, normalmente, por sindicatos, ONGs, empresas, secretarias de governo, etc. A respeito dessas delimitações, ver, por exemplo, GOHN, M. da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. Anais do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Social. Março de 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100034&script=sci_arttext em Outubro de 2016.

⁴ No caso específico do II SNEA, as Instalações Pedagógicas tiveram como foco de suas reflexões as experiências concretas de educação em agroecologia.



dialogada dos diferentes participantes.

Para construção das Instalações Pedagógicas no II SNEA, os participantes foram convidados previamente a levar para o Seminário pelo menos um elemento simbólico que representasse o “fazer educativo” coletivo dos sujeitos envolvidos nas suas experiências educativas, tais como, bandeiras, sementes, fotos, alimentos, poesias, artesanatos, livros, tecidos, e outros elementos. A partir da junção dos elementos das várias experiências em um mesmo espaço (neste caso, as Rodas de Diálogo), criou-se um cenário único que convergiu em conhecimento comum compartilhado sobre educação em agroecologia. Ao final da etapa de socialização e construção da Instalação Pedagógica, os grupos das Rodas de Diálogo percorreram, em circuito carrossel⁵, as demais instalações, sendo assim possível conhecer outras experiências.

Como processo educativo, as Instalações Pedagógicas procuraram exercitar o respeito aos diversos saberes e a escuta cuidadosa de cada experiência, compreendendo seus tempos e procurando valorizar a complexidade do processo de construção do conhecimento.

Grupos Temáticos: pautas prioritárias para a Educação em Agroecologia

Conforme dito inicialmente, o evento também abordou temas que estão na pauta atual da Educação em Agroecologia, tais como: (1) a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na construção da Educação em Agroecologia; (2) a questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana e; (3) a formação do profissional em agroecologia. Estes temas foram debatidos em três Grupos Temáticos (GT), que contaram com a participação de animadores, educadores e educadoras que de alguma forma, nas suas práxis, estão envolvidos com estas temáticas. Nos GTs também foram

⁵ Carrossel é uma ferramenta para apresentação de várias experiências para pessoas organizadas em grupos concomitantemente. Os grupos circulam pelas experiências de forma circular, uma a uma.



adotadas metodologias de facilitação do diálogo⁶ que estimularam as sínteses e a escuta coletiva das experiências das/os participantes.

O GT “Questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana” contou com a facilitação de Eduardo Barcelos da Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB) e de Cristina Vargas do Setor de Educação do MST. A partir de provocações relacionadas à questão agrária no Brasil e os processos educativos vinculados à Educação do Campo, neste GT foram debatidos temas como reforma agrária, território, os conflitos do campo, o agronegócio e o modelo do capitalismo agrário, além das dimensões relacionadas à questão ambiental vincula a luta pela terra à luta pelas florestas, águas, restingas, mangues, aquíferos. Neste GT, a Agroecologia, compreendida como matriz para a formação humana, também teve centralidade nos debates. Algumas das experiências educativas vivenciadas e construídas pelos movimentos sociais do campo, inspiradas na memória e na cultura popular, na diversidade, nas potencialidades do movimento agroecológico, na saúde e na alimentação saudável, entre outros temas, foram partilhadas como experiências de resistência e enfrentamento dos modelos convencionais de educação.

O GT Formação do Profissional em Agroecologia, muito esperado por todos/as, contou com a animação da educadora Luciana Jacob da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) e de Romier Sousa do Instituto Federal do Pará-Campus Castanhal. Neste GT foram debatidos temas como: a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão nas diferentes instituições de ensino com o modelo de desenvolvimento pautado pela Revolução Verde e pelo paradigma hegemônico de agricultura moderna capitalista, patriarcal e colonialista; a exclusão de saberes tradicionais; a importância da extensão como o centro da prática pedagógica; a ausência da

⁶ Utilizou-se a ferramenta do Café do Mundo (World Café) com a finalidade de gerar debates prévios entre os/as participantes sobre os temas em questão, antes da exposição dos facilitadores, pois todas/os carregam em si contribuições ao debate. As sínteses dos debates foram registradas em tarjetas, que foram usadas pelos/as facilitadores/as nas suas reflexões.



agricultura familiar e o domínio do agronegócio nos currículos dos cursos de Ciências Agrárias. Como questão articuladora ficou evidente que a formação em Agroecologia na universidade deveria ser construída principalmente por aqueles sujeitos que historicamente foram marginalizados e silenciados no campo e que existem várias experiências educativas no Brasil contra-hegemônica a educação convencional.

Neste GT também foram levados elementos para o debate sobre o reconhecimento dos cursos de Agroecologia e o reconhecimento profissional daqueles formados em agroecologia, reforçando o posicionamento da ABA-Agroecologia em defesa de todas as expressões da Educação em Agroecologia. Inicialmente ressaltou que desde muitos anos a educação em agroecologia no Brasil se deu em diferentes espaços formativos articulando diferentes áreas do conhecimento. Com isso, a institucionalização da formação em agroecologia se deu pelos recentes cursos de agroecologia⁷, mas também por um grande número de ações educativas vinculadas ao ensino, a pesquisa e a extensão envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Os 146 núcleos de estudos em agroecologia⁸ vinculados a universidades e institutos federais são uma boa expressão de como a institucionalização da educação em agroecologia não acontece somente através dos cursos formais. Seguiu mencionando que a formação profissional em agroecologia não deve estar vinculada a um padrão nacional, mas deve estar vinculada a uma perspectiva epistemológica e científica, metodologias de ensino, currículo e uma ação comunicativa com a sociedade baseada no diálogo com os agricultores, orientando-se pelos princípios

⁷ Estes representam uma expressiva realidade no país, devido ao grande número existente, em diferentes níveis educacionais. Até 2015 existiam 122 cursos de Agroecologia no ensino médio profissional, 5 de bacharelado, 27 cursos de tecnólogo e 07 de pós-graduação. O primeiro curso técnico foi criado em 2003 (Escola Milton Santos/ETUFPR) e o primeiro curso de bacharelado foi criado em 2008 (UEPB).

⁸ Para maiores informações ver SILVA, L. M. S.; Sousa, R. da P.; ASSIS, W. S. de. A educação superior e a perspectiva agroecológica: avanços e limites dos Núcleos de Agroecologia das IES no Brasil. *Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul*, v. 22, n. 2, maio-agosto, 2017. p.250-274



já sugeridos no I SNEA – princípios da vida, diversidade, complexidade e transformação⁹. Esses deveriam ser os princípios orientadores a serem incorporados nas diretrizes nacionais.

Sobre o reconhecimento profissional, foi esclarecido que todos os cursos de agroecologia existentes no Brasil são reconhecidos pelo MEC. Aqueles vinculados ao ensino profissional já existem nos catálogos do MEC¹⁰ desde 2006 e as universidades tem autonomia para criar e aprovar seus cursos. O reconhecimento de cursos é diferente do reconhecimento profissional. O reconhecimento profissional de técnicos de nível médio e de tecnólogos em agroecologia já acontece desde 2015 pelo Confea (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia). Para estudantes, egressos e instituições de ensino envolvidas com cursos de bacharelado, permanece o desafio deste reconhecimento. E foi questionado: Seriam as entidades de classe as únicas a reconhecer os profissionais formados em Agroecologia? Se o estado reconhece estes cursos, porque não reconheceria os profissionais aí formados?

O GT “Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão na construção da Educação em Agroecologia”, foi animado pelo educador Marcos Sorrentino, também da ESALQ e Ana Cristina dos Santos professora da UFRRJ. O debate gerou em torno de que a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão tem como princípio o “compromisso com a vida em toda a sua diversidade”. Sorrentino aponta que os componentes essenciais na construção dessa articulação é o estabelecimento de uma relação dialógica e cooperativa. Em sua percepção há que se compreender a educação enquanto processo formador que promova a participação e a potência de agir em prol da transformação no sentido de sociedades mais justas, mais felizes e plenas em diversidade humana e biológica. O GT

⁹ Op. cit.

¹⁰ Catálogo Nacional de Cursos Técnicos e o Catálogo Nacional de Cursos Superiores. Para mais informações ver http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=41271-cnct-3-edicao-pdf&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192 e http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44531-catalago-nacional-cursos-superiores-tecnologia-edicao3-2016-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192



expôs a colaboração da Agroecologia, não somente como mera técnica, mas como possibilidade de transformação das relações humanas e institucionais em favor do estabelecimento da autonomia, da autoanálise e da autogestão.

A cultura e arte como componentes educativos: a feira e os festejos

Além das Rodas de Diálogo e dos Grupos de Trabalho, durante o seminário aconteceu também a Feira Agroecológica e Cultural “Sabores e Saberes” que possibilitou a comercialização e geração de renda para diversos grupos camponeses agroecológicos do Rio de Janeiro. Para além de um espaço de comercialização, a Feira também foi um espaço educativo e político, tendo os momentos culturais como mediadores de diálogos e conexões entre a cidade e o campo, pois acolheu intervenções culturais, atividades místicas, troca de sementes, atos públicos e outras expressões da luta e da resistência da educação e da agroecologia.

Na construção da abordagem cultural integrada do II SNEA, partiu-se do princípio de que os processos culturais são determinantes para a diversidade de práticas agrícolas, alimentares, cuidados com a saúde e com a natureza, ou seja, todo o conjunto de saberes e o imaginário, que compõem os modos de vida de cada grupo social nas diferentes realidades do nosso país e do mundo. Portanto, a cultura pode ser evidenciada por meio de diferentes elementos: nas variedades, raças, sementes e mudas guardadas e manejadas através de gerações, no alimento, incluindo receitas e modos de preparo, na espiritualidade, com os rituais e crenças e na expressão artística, através da música, do artesanato, das danças. Na cultura também se inserem pedagogias educativas responsáveis pela perpetuação de seus saberes. Esses elementos ajudam a caracterizar os povos de cada localidade e é fundamental para



os processos de construção da agroecologia¹¹.

Como expresso na carta política construída ao final do Seminário, ressaltou-se que nesta perspectiva, a cultura é elemento político de diálogo com os territórios, uma vez que é a representação da diversidade e dos saberes populares. Ela deve compor a totalidade dos espaços educativos. As representações culturais são responsáveis pela construção de um povo. Assim, a cultura é memória e denota a necessidade de reconhecermos os saberes ancestrais, aprendendo com os mesmos e renovando-os¹².

Lições aprendidas: avaliações e novos caminhos

O II SNEA contou com a participação de 420 educadores/as, estudantes, agricultores/as, pesquisadores/as, lideranças, técnicos/as e gestores/as públicos, que promoveram uma rica reflexão a partir de experiências vividas de Educação em Agroecologia. Foram socializadas e debatidas 180 experiências de Educação em Agroecologia, fruto do acúmulo histórico protagonizado por educadores/as, estudantes e pelos movimentos sociais do campo. Alguns temas fundamentais foram apresentados nos processos de construção da Educação em Agroecologia como, a luta pela terra, a reforma agrária, a defesa dos bens comuns e dos territórios, a indissociabilidade da extensão, ensino e pesquisa, a transdisciplinaridade, o feminismo, a construção do conhecimento e o diálogo de saberes sobre sistemas produtivos sustentáveis, as juventudes, o diálogo intercultural, a sexualidade, as políticas públicas, a segurança e soberania alimentar, a saúde e a economia solidária.

¹¹ Esse trecho contou com as contribuições textuais da comissão de cultura, da qual faziam parte, entre outros membros, Patrícia Dias Tavares, Joana Duboc Bastos, Ananda Deva Assis Trivelato, Fabrício Vassalli Zanelli e Sebastião Augusto Estevão (Sebastião Farinhada).

¹² Carta Política do II SNEA disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/carta-de-seropedicarj-ii-seminario-nacional-de-educacao-em-agroecologia-snea/>



Entre as lições aprendidas estão as de que não há receitas prontas para a práxis pedagógica da agroecologia e nem currículo mínimo para tal. Existem sim princípios norteadores que permitem o não engessamento da Agroecologia enquanto disciplina monolítica e igual de Norte a Sul do país. As experiências mostraram que os princípios da Vida, da Diversidade, da Complexidade e da Transformação propostos no I SNEA para a Educação em Agroecologia, continuam vigentes e vêm sendo colocados em prática em várias experiências em todos os níveis de ensino e no seu fazer educativo, devendo ser incorporados por todas as experiências do país.

Outra lição é a de que a agroecologia, mesmo que desenvolvida em espaços formais de ensino, tem sua riqueza e seu conhecimento gerado a partir da interação com outros conhecimentos para além da escola e é o viés intercultural e pluriepistemológico de construir conhecimentos que garante a diversidade cultural materializada nos territórios onde a agroecologia acontece.

Para finalizar, as experiências também demonstraram a importância do fomento e do apoio do Estado para a consolidação de uma educação em agroecologia no país. Ressaltamos novamente a importância das políticas públicas voltadas para a criação e consolidação de Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) nas instituições de ensino e de pesquisa e o Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA) como iniciativas positivas e de sucesso para o enraizamento da agroecologia nas áreas de reforma agrária e em parceria com os movimentos sociais.

Desta forma, esperamos que o leitor aprecie e perceba nesta edição dos Cadernos de Agroecologia os frutos que o II SNEA gerou.